

Psicologia do Terrorismo: O que Motiva Pessoas a se Radicalizarem e Aderirem a Grupos Terroristas?

André Luís Woloszyn

Orcid.org/0009-0006-9104-5926

*Departamento de Psicologia, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS),
São Leopoldo, RS, Brasil*

Resumo

Este artigo propõe-se a discutir os diferentes constructos em psicologia, acerca das possíveis motivações, para que pessoas comuns envolvam-se com grupos terroristas, na prática de atentados indiscriminados contra populações civis. Aborda diferentes vertentes em relação ao tema. Desde as que defendem a existência de transtornos psicológicos até aquelas que acreditam na condição de normalidade no quesito saúde mental. Apresenta os estudos que procuram explicar, em parte, o comportamento e a motivação dos terroristas suicidas, os impactos psicológicos do condicionamento e da manipulação realizada por lideranças carismáticas. Analisa como as crenças podem ser distorcidas e direcionadas para o ódio a um inimigo comum. Conclui que não há evidências, nas pesquisas atuais, que apontem para um perfil motivacional único, mas sim, um conjunto de fatores interligados, manifestado em zonas onde não há bem-estar social, uma vez que prevalece a fome, a violência e a falta de perspectivas, tal como ocorre com a religião, na distorção de crenças como o conceito de Jihad ou Guerra Santa, a qual possibilita a projeção de insatisfações reprimidas em objetos e símbolos do outro, aquele considerado inimigo.

Palavras-chave: Recrutamento, terrorismo, motivação, radicalização, psicologia.

Psychology of Terrorism: What Motivates People to become Radicalized and Join Terrorist Groups?

Abstract

This article aims to discuss the different constructs in psychology, regarding the possible motivations for ordinary people to become involved with terrorist groups, in the practice of indiscriminate attacks against civilian populations. It addresses different aspects of the topic. From those who defend the existence of psychological disorders to those who believe in the condition of normality in terms of mental health. It presents studies that seek to explain, in part, the behavior and motivation of suicide terrorists, the psychological impacts of conditioning and manipulation carried out by charismatic leaders.

* Correspondência: Departamento de Psicologia, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Av. Unisinos, 950, 93022-750, Cristo Rei, São Leopoldo - RS, Brasil. alwi.war@gmail.com.

It analyzes how beliefs can be distorted and directed towards hatred of a common enemy. It concludes that there is no evidence, in current research, that points to a single motivational profile, but rather, a set of interconnected factors, manifested in areas where there is no social well-being, since hunger, violence and lack of perspectives, as occurs with religion, in the distortion of beliefs such as the concept of Jihad or Holy War, which allows the projection of repressed dissatisfactions onto objects and symbols of the other, the one considered the enemy.

Keywords: Recruitment, terrorismo, motivation, radicalization, psychology.

Psicología del Terrorismo: Qué Motiva a las Personas a Radicalizarse y Unirse a Grupos Terroristas?

Resumen

Este artículo tiene como objetivo discutir los diferentes constructos en psicología, respecto a las posibles motivaciones de personas comunes y corrientes para involucrarse con grupos terroristas, en la práctica de ataques indiscriminados contra poblaciones civiles. Aborda diferentes aspectos del tema. Desde quienes defienden la existencia de trastornos psicológicos hasta quienes creen en la condición de normalidad en materia de salud mental. Presenta estudios que buscan explicar, en parte, el comportamiento y la motivación de los terroristas suicidas, los impactos psicológicos del condicionamiento y la manipulación llevados a cabo por líderes carismáticos. Analiza cómo las creencias pueden distorsionarse y dirigirse hacia el odio a un enemigo común. Se concluye que no hay evidencia, en las investigaciones actuales, que apunte a un único perfil motivacional, sino más bien a un conjunto de factores interconectados, manifestados en zonas donde no hay bienestar social, ya que el hambre, la violencia y la falta de perspectivas, como ocurre con la religión, en la distorsión de creencias como el concepto de Jihad o Guerra Santa, que permite proyectar insatisfacciones reprimidas sobre objetos y símbolos del otro, el considerado enemigo.

Palabras-clave: Reclutamiento, terrorismo, motivación, radicalización, psicología.

A definição do terrorismo ainda é objeto de discussões. A Organização das Nações Unidas (ONU) define-o como “um ato criminoso com uso da violência praticado com a intenção de provocar um estado de terror no público em geral, em um grupo de pessoas ou indivíduo específico com objetivos políticos” (1996).

O estado de terror ou pânico é alcançado pelas características doutrinárias do terrorismo, em especial, a natureza indiscriminada que pode vitimar qualquer pessoa e a imprevisibilidade das ações que acarreta insegurança permanente, por não ser possível estimar em que local e momento ocorrerá um atentado.

Ademais, o terror, escreve Stanley Cavell, “mostra a percepção da precariedade da identidade humana, a percepção de que pode perder-se ou ser invadida, de que podemos ser ou não

convertidos a ser uma coisa diferente do que somos ou crermos ser” (2003, p. 64).

Nele, recai a força dos grupos terroristas e, provavelmente, alimenta, em alguns de seus integrantes, não todos, questões narcísicas e sado-masoquistas.

As motivações que conduzem um indivíduo a integrar um grupo terrorista e praticar atentados contra civis inocentes são complexas e objeto de estudos em áreas multidisciplinares. Vetores sociais, apontados na Conferência de Paz, ocorrida em Oslo, em 1993, intitulada *Root causes of terrorismo*, como pobreza extrema, colapso parental, baixo grau de escolaridade, inaptidão para um mercado de trabalho que exige especialização e a falta de perspectivas, são fatores que criam condições, para que cada vez mais pessoas, principalmente adolescentes,

sejam cooptados a ingressarem em grupos terroristas (Seliktar, 2009).

Questões ideológicas e sistemas de crenças, segundo Bohleber também exercem uma forte influência no modo de ser de adultos e adolescentes, como meio de exteriorizar conflitos internos. “Se fortes sentimentos de raiva ou de desapontamento se tornam aparentes, a juventude é ameaçada de privações de direitos sociais e de um sentimento de desvalorização” (Bohleber, [2002], 2008, p. 117).

Com efeito, tais sentimentos fomentam o self e direcionam-no para a necessidade de projetar todo esse conflito, resultante de carências de toda a ordem, aquilo que vê em si como intolerável, no sentido destrutivo, por meio do ódio e da violência. Tal comportamento Melaine Klein classificou como posição esquizoparanóide uma vez que, neste contexto, as pessoas apresentam dificuldades em tolerar questionamentos francos, dúvidas, diferenças e responsabilidades.

Tal projeção, tem o efeito de sensação de poder nos terroristas, já que causa medo no outro ao desnudar suas vulnerabilidades, até então, não percebidas e de decidirem quem vive e quem morre.

Importante, ainda destacar que a concepção de violência, na perspectiva do senso comum, é limitada e tende a acreditar que determinadas ações extremas como mortes indiscriminadas, inclusive a de crianças, explosões de prédios civis, aviões comerciais ou mesmo ataques por armas de fogo não são condizentes com atitudes de pessoas racionais, que se encontram dentro de uma normalidade no que diz respeito ao quesito saúde mental.

Esta linha de raciocínio contraria os estudos psicológicos, realizados em soldados alemães que haviam cometido atrocidades ao longo da Segunda Guerra Mundial na frente Oriental, expostas durante o julgamento por crimes de guerra no Tribunal de Nuremberg, em 1948.

Das pesquisas empreendidas por Hannah Arendt, durante os interrogatórios de Nuremberg, surgiu a tese da banalização do mal, baseada na obra, *Eichmann em Jerusalém*, lançada em 1963/1999, na qual a autora aponta que parcela

significativa destes perpetradores de crimes e genocídios não apresentava psicopatologias anteriores. Assim, eram considerados indivíduos com boa saúde mental e vida familiar estruturada.

Nesta linha argumentativa, e face as dificuldades de acesso a fontes, em grande medida, classificadas como confidenciais, o presente artigo utiliza-se de uma revisão bibliográfica, em áreas multidisciplinares, a qual abrange aspectos relevantes da história, sociologia, psicologia e psiquiatria para fomentar a discussão acerca da complexidade do tema e a necessidade de novos estudos.

Expõe também as vertentes psicológicas e lança cinco hipóteses que tratam, respectivamente, da normalidade psíquica, de traumas na infância, dos efeitos do condicionamento proveniente da manipulação, das distorções de crenças e preceitos religiosos e da questão socioambiental, as quais enunciam os possíveis fatores que contribuem, em tese, para que pessoas voluntariem-se para fazer parte de grupos terroristas nacionais ou internacionais e pratiquem atos de violência extrema contra pessoas inocentes.

As Vertentes Psicológicas acerca das Motivações

Sob o ponto de vista psicológico, o fenômeno que favorece o recrutamento ou a cooptação de pessoas para o terrorismo é discutido há décadas e divide pesquisadores entre teses de normalidade, vitimização e psicopatologia, sem que exista um consenso definitivo. E quando dos relatos de ações como as empreendidas pelo Hamas, em território israelense, iniciada em 17 de outubro de 2023, dos ataques do Hezbollah, do sul do Líbano e do grupo Houthis, do Iêmen, o tema retorna ciclicamente à discussão internacional.

Existem várias correntes de estudo que buscam compreender a gênese dos ciclos de violência, desde os achados de Hans Morghentau, baseados na obra de Abbé de Saint Pierre (1712), os quais sugerem que um conflito armado cria o que denominou “sentimento dos

derrotados, motivo principal de novas guerras” (Morghentau, 1993, p. 65).

Para o referido autor, este sentimento é reprimido e, posteriormente, manifestado em explosões de ódio, que fomentam desejos de revanche ou vingança, fator que, consequentemente, reduziria o conceito de paz, em um período de trégua temporal. Outro autor que segue essa mesma linha é Delumeau (1989), para quem “é uma atitude suicida, da parte de um grupo dominante, encurralar uma categoria de dominados no desconforto material e psíquico”.

Parece razoável supor que o sentimento dos derrotados seja um dos fatores determinantes para os constantes conflitos entre o Hamas, Hezbollah e Israel ou mesmo a Al Qaeda e o ISIS, em décadas anteriores, em ataques coordenados contra o ocidente, em especial, aos EUA e apoiadores, que tais grupos classificam como Jihad ou Guerra Santa contra o ocidente.

Dando início à exposição dos constructos acerca do tema, Fernando Reinares (1998) argumenta que terroristas:

são indivíduos com características psicopáticas e, por esta condição, possuem um perfil que facilita a instauração de determinadas crenças, com ideias distorcidas da realidade, as quais oferecem uma compreensão mecanicista, simples e imatura, dos conflitos e contradições da sociedade a que pertencem. (Reinares, 1998)

Varvin considera que “atos de terror e violência envolvem uma relação perturbada com outros seres humanos em níveis moral, ético e emocional fomentada por discursos variados” (Varvin, 2008, p. 48). Por sua vez, Crenshaw, (2010) uma das maiores pesquisadoras britânicas do comportamento terrorista, sugere o princípio da cognição social como motivação, ou seja, pessoas com uma interpretação subjetiva do mundo, em vez da realidade objetiva, alienadas e que, por esta condição, tornam-se suscetíveis à propaganda extremista.

A autora assevera que há quatro categorias de elementos que motivam os terroristas: a oportunidade da ação, a necessidade de pertencer,

o desejo de status social e a promessa de recompensa financeira e ou material (Crenshaw, 2010).

Sob o ponto de vista da psicanálise, é razoável supor que uma das causas ou motivações reside na necessidade de pertencimento, de consolidação da própria identidade, a qual envolve questões edipianas, em um ambiente de famílias desestruturadas onde, provavelmente, houve abusos, maus tratos ou mesmo abandono parental.

Vaisman-Tzachor (2007) aprofunda as questões edipianas, quando aduz que:

Os terroristas individuais tendem a ter perfis psicológicos que incluem o distanciamento dos pais ou a ausência de um vínculo estreito com os pais. Isso promove uma busca por significado e reconhecimento que proporcionará um grandioso senso de identidade como “especial”, principalmente como uma defesa psicológica contra um sentimento de insignificância e de não ser amado. Isto muitas vezes inclui atitudes de julgamento e antagonismo em relação àqueles que têm crenças, valores e comportamentos diferentes, porque isso ameaça a sua própria sensação de que têm atributos e crenças superiores. Além disso, os terroristas terão reações intensas e geralmente violentas a qualquer ataque ou crítica às suas crenças e missão. (Vaisman-Tzachor, 2007, p. 27)

Baseados nos argumentos até aqui discutidos, de realimentação do ciclo do ódio e da vingança, é alta a probabilidade de que a guerra entre Hamas, Hezbollah contra Israel seja um conflito permanente assim como cíclicos, os ataques de diferentes grupos terroristas, ao redor do planeta. Sendo assim, a especulação teórica mais reconhecida recai em três fatores determinantes: injustiça, identidade e pertencimento, que tende a vitimização por sofrimentos e opressão infligidos tanto no passado, com ênfase nas fases do desenvolvimento infantil, como no presente, face as condições socioeconômicas de vulnerabilidade.

Com efeito, evidências substanciais apontadas no *Programs for Parents of Infants and Toddlers*, estudadas por Olds, Sandler e Kitzman (2007), citados por Polanczyk e Rohde (2013), demonstram que: “A relação entre características do cuidado parental inicial e desfechos intelectuais, comportamentais e emocionais nas crianças e prejuízos no controle cognitivo estão relacionados a diversos sintomas comportamentais como a impulsividade, a agressividade, desinibição e crime” (Polanczyk & Rohde, 2013, p. 58).

Contudo, é preciso dizer que tais fatores não implicam necessariamente desorganização psicológica, uma vez que também podem impulsionar indivíduos ao desenvolvimento pessoal e profissional mantendo a saúde mental. É nesta questão, em especial, que as correntes de pesquisas são divergentes.

Nos grupos terroristas o argumento mais utilizado pelos pesquisadores ligados as dinâmicas de grupo, baseadas no legado das técnicas de Wilfred Bion, aduzem que um núcleo fanático de líderes cria uma situação produtora de violência e atrocidades, na qual as pessoas comuns entram naquele ambiente e passam a ser capazes de cometer as mesmas atrocidades, porque internalizam rapidamente os valores e ações, que são a norma daquele grupo que integram. À medida que os atentados são praticados, a reação emocional é menos traumática e torna a violência, rotineira.

Em uma versão mais ambiciosa, sentimentos tentados a explorar as motivações com base na ocorrência de traumas desenvolvidos ao longo das fases de desenvolvimento infantil e adolescência. Todavia, não há evidências que sustentem tal argumento já que nem todos que estiveram nessas condições abraçaram a causa terrorista, tampouco converteram-se em criminosos.

Uma questão que reforça esta linha de pensamento e intrigou pesquisadores ocidentais foi o relatório elaborado pelo Professor de Estudos de Segurança do *Kings College London*, Peter Neumann, em 2020, o qual aponta para um elevado número de jovens adultos, que, saindo

da adolescência, foram recrutados, em países desenvolvidos, para se juntarem ao ISIS e sua guerra, na tentativa de estabelecer um Califado, na Síria e no Iraque.

Sem a presença de problemas econômicos e psicopatologias aparentes, ótimo nível de escolaridade e uma parentalidade atuante e apoiadora, uma das hipóteses levantadas pelo estudo foi o desejo de aventura e a necessidade de pertencerem a uma causa maior e defendê-la, objetivo bem acima dos que têm em suas vidas, as quais julgavam monótonas e sem sentido.

A Hipótese de Normalidade

Embora não existam dados oficiais disponíveis e pesquisas de campo que permitam estudos mais avançados a este respeito, em variadas hipóteses, pesquisadores como Erlich (2008), Hoffman (1976), Whittaker (2005), dentre outros, adotam a corrente que defende a normalidade psíquica de parcela significativa dos integrantes de grupos terroristas.

Hoffman (1976), concluiu suas pesquisas afirmando que:

Ao invés de fanáticos com olhos arregalados ou assassinos enlouquecidos que estamos condicionados a esperar, muitos (terroristas) são, na verdade, indivíduos pensantes e altamente articulados para quem o terrorismo é (ou era) uma escolha inteiramente racional, frequentemente adotada com relutância e, ainda assim, só depois de considerável reflexão e debate. (Hoffman, 1976, p. 07).

Whittaker (2005), por seu turno, defende a tese da normalidade aduzindo:

A maioria dos terroristas não revelam psicopatologias importantes. Se bem que não exista entre eles um tipo único de personalidade, há indícios de que pessoas agressivas e orientadas para a ação, e que depositam confiança acima do normal nos mecanismos de exteriorização e da separação, estejam, desproporcionalmente, representadas no universo dos terroristas (Whittaker, 2005, p. 50).

Há que se considerar que relações objetivas traumatógenas não se constituem uma condição exclusiva para a prática da violência. Os processos sociais e grupais potencializam a violência como um comportamento relevante no grupo e trazem a seus integrantes uma sensação de controle e poder.

De maneira geral, com base nos argumentos acima descritos, podemos estar propensos a acreditar que os terroristas são heterogêneos em termos de perfis psicológicos, aspecto que dificulta a identificação acerca do que ou o que os motivou a buscar identidade e pertencimento em um determinado grupo.

Como destaque, as conclusões de Jeff Victoroff (2005) em seu artigo, *The Mind of The Terrorist*, para quem “quaisquer que sejam seus objetivos declarados e grupo de identidade, todo terrorista, como toda pessoa, é motivado por seu próprio complexo de experiências e características psicossociais” (pp. 34-35). Portanto, o autor conclui que “teorias que afirmam a predominância de uma influência sobre outras são prematuras assim como as que afirmam que nenhum fator individual pode identificar aqueles em risco de se tornarem terroristas” (Victoroff, 2005, p. 34)

Victoroff (2005), apresenta como hipótese cinco traços psicológicos característicos, presentes em terroristas típicos, que lideram ou seguem grupos subestatais, citados abaixo:

Alta valência afetiva em relação a uma questão ideológica; uma aposta pessoal, como opressão, humilhação ou perseguição fortemente percebida; uma necessidade extraordinária de identidade, glória ou vingança; um impulso para a expressão de agressividade intrínseca . . . a baixa flexibilidade cognitiva, baixa tolerância à ambiguidade e elevada tendência para erro de atribuição; capacidade de suprimir restrições morais instintivas e aprendidas contra prejudicar inocentes, seja devido a fatores intrínsecos ou adquiridos, individuais ou de grupo, forças provavelmente influenciada. (Victoroff, 2005, p. 34).

Ao considerar tais constructos da psicologia, constata-se que o diagnóstico da existência de psicopatologias não se mostra, exclusivamente, como definidor motivacional, ainda que desconheçamos, parcialmente, o lado obscuro das motivações humanas que a psicanálise defende estarem ligadas a fantasias e ao inconsciente.

Importante, ainda, salientar que outros estudos relacionados à adesão em cultos ou seitas, notadamente, apocalípticas, demonstram similaridade com as motivações para adesão ao terrorismo. Na pesquisa realizada por Rousselet e colaboradores, foi evidenciado que entre os fatores condicionantes que levaram pessoas a adesão a cultos ou seitas estão a insatisfação com a vida, incidência de vulnerabilidade social e afetiva, influência de membros do culto ou seita na família, de vizinhos e amigos, manipulação psicológica e estratégias de pressão do líder (Rousselet et al., 2017).

Em grande medida, pertencer a um grupo, torna a identidade social importante que cresce em tempos de crise, à medida que a incapacidade de lidar com os problemas da vida ameaça a identidade pessoal.

A Hipótese de Traumas na Infância

É consenso entre os profissionais da saúde mental como Eizirik et al. (2013), Golomb (2008) e Roland (2014), que uma infância tranquila e segura possibilita o desenvolvimento de adultos mentalmente sadios. No entanto, também é consenso entre os mesmos pesquisadores que esse processo só é possível sob a proteção do escudo da parentalidade ou de figuras e ou objetos de apego face às sensações de vulnerabilidade como o medo e perigo.

Eizirik et al. (2013), adverte que fatores ligados ao desenvolvimento e experiências ao longo da vida determina o que tem sido descrito como equação etiológica das disfunções psíquicas.

O problema recrusdesce, na visão de Roland, quando essas crianças e adolescentes “ao permanecerem onde se sentem vulneráveis

e inseguros, a partir de seus mecanismos de autodefesa, irão estabelecer e manter uma atitude agressiva ainda mais arraigada” (Roland, 2014, p. 163).

Golomb (2008), vai ao encontro destes argumentos, ao esclarecer que:

Há uma sequência natural de desenvolvimento que, se perturbada, irá interromper, danificar ou mesmo atrasar seu desenvolvimento adequado. O terror, seja em sua forma literal ou por outros motivos, agride o desenvolvimento, em cada estágio, e a cada dia que uma criança cresce neste clima, mais estágios e funções são alterados. (Golomb, 2008, p. 188)

Um dos sintomas, quando esse escudo protetivo é rompido, quer por fatores como abandono, negligência, abusos físicos e sexuais ou pela morte prematura dos pais, somado a um ambiente de crises sistemáticas, permeado pela violência, pobreza e em meio ao medo constante, manifesta-se pela perda do controle dos impulsos e, nessas circunstâncias, a criança adquire defesas adultas para sobreviver (Golomb, 2008).

Assim, é possível pensar que tais indivíduos sejam portadores de transtornos emocionais, motivados por experiências traumáticas ao longo das fases de desenvolvimento da libido, situação que afeta o seu desenvolvimento na adultez.

Com efeito, dentro desta perspectiva, é possível pensar em relação a essas crianças que, com as necessidades básicas ignoradas e sem se sentirem amadas o suficiente, tem como único meio encontrado para recuperar esse amor e adquirir valorização social e admiração perante o grupo a que pertencem, é chamar a atenção para si, por meio da obediência às regras pré-determinadas pela comunidade religiosa vigilante e pelo potencial de violência que apresentam, tido como um comportamento de valor social positivo.

Ao conferirem status e aumentarem a credibilidade de seus perpetuadores, perante o grupo e a comunidade, criam o sentimento de recompensa pela atenção, respeito e admiração que provocam. Essa relação com traumas da

infância não acontece apenas com radicais islâmicos, aparece como um padrão emocional de perpetuadores em alguns atentados domésticos, disseminados por não apenas por muçulmanos radicais. É o caso de Timothy McVeigh, terrorista norte-americano arquiteto do atentado em Oklahoma City, no ano de 1995 que resultou em 168 mortes e 680 feridos. Em entrevista à BBC News, o psiquiatra Dr. John Smith que o entrevistou na prisão, relatou que ele foi alvo de bullying na escola, e passou a se refugiar em um mundo de fantasia, onde imaginava retaliar contra os valentões. Segundo o médico, “*This hatred of bullies stemmed from an unhappy childhood. McVeigh’s parents often argued violently which frightened the boy. In addition he was bullied at school*” (Aitken, 2001). Já com a sentença de morte decretada, afirmou sua crença de que o governo dos Estados Unidos era o valentão final e alvo de sua vingança.

Outro caso de repercussão nos EUA, digno de nota, foi o de Theodore Kaczynski, conhecido por *Unabomber* que cometeu uma série de atentados, nos quais utilizou explosivos contra pessoas, durante 20 anos, ação com a qual ludibriou o FBI e causou a morte de três e ferimentos em outras 23. Possuidor de um QI 170, iniciou seus estudos de matemática em Harvard, no ano de 1958 e com 16 anos obteve PHD. A família declarou que ele era uma bebê feliz até ser internado, por meses, em isolamento hospitalar face a urticárias severas.

Após essa alta hospitalar, ainda criança, a família percebeu um emudecimento das reações emocionais com eles e um hábito de maus tratos com animais. Na adolescência, passou duas classes a frente dos colegas, não se adaptando ao convívio com os jovens de maior idade e, dessa forma, sofreu bullying constante, fato que o manteve introvertido e acelerou seu isolamento social.

Segundo parecer do psicólogo, Dr. Stephen Diamond, que entrevistou Kaczynski na prisão, em reportagem para Ekuia Hagan do *Today Psychology*:

Ele sempre foi descrito como distante, mesmo quando criança, sentiu-se abusado

emocionalmente por seus pais e foi cruelmente provocado por seus colegas por ser diferente. Ele provavelmente é um tipo extremamente introvertido que nunca desenvolveu as habilidades necessárias para viver no mundo (Hagan, 2008).

As pesquisas conduzidas por Akhtar (1999/2008) apontam para evidências de que, significativo número de integrantes de redes terroristas demonstram a presença de traumas em algum momento da infância ou adolescência somado a problemas físicos, abusos e humilhações.

A Hipótese do Condicionamento Psicológico pela Manipulação

O principal ponto dessa questão recai na influência de lideranças carismáticas que, como adverte Walter Laqueur (2003), “utilizam-se da ideologização constante, da propaganda enganosa, da manipulação psicológica e da desinformação para angariar novos adeptos” (Laqueur, 2003. p. 126).

Logo, habilmente, constroem uma realidade paralela, claramente fictícia, baseada em um inimigo comum e desumanizado, cujas vidas não têm valor, comparadas a um objeto e que passa a caracterizar o que Wilfred Bion chamou de a mente do grupo, ao substituírem suas antigas identidades por uma nova forma de subjetivação.

Awad classifica este sentimento como “ansiedades persecutórias legítimas, que dividem o mundo em nós versus eles. Toda bondade reside em nós, e toda maldade é projetada neles, aqueles, os outros” (2008, p. 161). Legítimas, pois, segundo o autor, a maioria dos grupos terroristas surgem em estados falidos e de regimes totalitários, nos quais a pressão psicológica nas comunidades é intensa e constante e onde se sentem oprimidos.

A partir do pressuposto da desumanização e da noção do humano como objeto, na visão de Pryer, “a falta de uma noção central de humanidade leva a falta da ética da reciprocidade e as pessoas se sentem livres para tratar o outro da forma que quiserem ou lhe ordenarem” (2013, p. 10).

No entanto, esse comportamento grupal é previsível pois, segundo Williams e colaboradores (2018),

à medida que os indivíduos interagem e socializam com outros indivíduos que pensam como eles, que compartilham queixas e descontentamentos, demonstram deferência aos líderes inovadores, acabam diferenciando-se e afastando-se das interações anteriores, que experimentaram, canalizando o descontentamento para alvos específicos. (Williams et al., 2018, pp. 15-18).

Ao retornar aos estudos de Morghentau (1993) e sua tese sobre o sentimento dos derrotados, no caso dos extremistas islâmicos, a distorção religiosa adquire relevância, uma vez que se institucionalizou tratar-se de um dever de vingança permanente e consciente pelas injustiças, atrocidades, privações e humilhações praticadas ainda, no tempo das Cruzadas contra o mundo islâmico e que, modernamente, permanece como uma ameaça, a qual fomenta pensamentos de ruminação.

Essa condição tornou-se a base do atual conceito de Jihad Global ou Guerra Santa contra o ocidente, defendida pela Al Qaeda e pelo ISIS, como uma forma de reparação imaginária pelos atos passados.

Porém, existe uma pequena contradição nesse argumento. Segundo dados elaborados pelo *Institute for Economics & Peace* ([IEP], 2023), no ano de 2013, acerca do índice de terrorismo global, o maior número de atentados e atrocidades indiscriminadas contra a população civil ocorreu em países islâmicos, cujas vítimas professam a mesma religião, apesar de operarem em correntes diferentes, entre sunitas e xiitas.

Das 18 mil pessoas mortas em ataques terroristas no mundo, 82% concentram-se em apenas cinco países: Iraque, Afeganistão, Paquistão, Nigéria e Síria. Os responsáveis por 66% destas mortes foram o Estado Islâmico, o Boko Haram, os Talibãs e a Al Qaeda (IEP, 2023).

Neste cenário, o ódio é direcionado contra todos que não fazem parte de um grupo específico, comportamento que nos leva a pensar que a motivação inicial para se tornar um terrorista, nesses países, embasa-se no medo, insegurança, na busca por sobrevivência, no alívio das tensões emocionais e, posteriormente, no status de superioridade e poder de subjugação daqueles, tradicionalmente, humilhados.

Por outro lado, o condicionamento psicológico é alcançado pela intensidade da dinâmica dos grupos, que adotam posições radicalizadas. Segundo Whittaker, “eles tendem a demandar unanimidade e são intolerantes com os dissidentes. Com um inimigo claramente identificável e inquestionavelmente maléfico, a pressão pela escalada da frequência e da intensidade dos ataques está sempre presente” (Whittaker, 2005, pp. 44-45).

Ao demonizar e desumanizar o inimigo comum, em narrativas manipuladas, no sentido de sustentar a autoestima e a legitimidade do grupo, somado à necessidade de pertencimento, que como vimos anteriormente, constitui-se em um dos fatores de motivação, desaparece o senso de ambiguidade da violência praticada em suas mentes. Nestas condições, os indivíduos tendem a sucumbir face ao domínio carismático da liderança e às pressões internas do grupo.

Nesta mesma linha, De Paola (2009) ilustra os efeitos do condicionamento psicológico, resultado da manipulação presente em conflitos assimétricos, por meio da universalização da culpa, ou do que denomina de inversão da culpa, assim definida:

É o ato de convencer o resto do mundo a adotar o ponto de vista do atacante e buscar mecanismos corrompidos para avaliar e legitimar o agressor. . . . Dessa forma, tem sua condição de vítima reconhecida, justifica e intensifica seus ataques de forma mais agressiva. Isso lhes permite lutar em plena potência, sem respeitar nenhuma lei a não ser a força justificada pela própria ética (De Paola, 2009).

Trata-se de uma estratégia construída que favorece não apenas os grupos, mas, especialmente, os recrutados que veem suas ações plenamente justificadas e, assim, afastam os sentimentos de culpa em uma relação entre nós contra eles, entre matar ou morrer. Uma das possíveis consequências é o que a psicanálise define como mente esquizoparanóide, aquela incapaz de lidar com as diferenças e responsabilidades de um mundo dinâmico e em constante transformação.

Subramanyam (2018) contribui para o aprofundamento este argumento ao afirmar que:

Depois que um jovem ultrapassou o limiar e iniciou o processo de doutrinação, o seu ambiente de informação muda dramaticamente. Ele é isolado e doutrinado e sua visão de mundo é alterada. Uma vez que um potencial recruta tenha entrado no pipeline, já não é um alvo apropriado para combater a radicalização através de influência positiva, porque é pouco provável que ouça uma mensagem contrária, e a possibilidade de ser livre para responder a ela ou interpretá-la objetivamente é nula (Subramanyam, 2018).

O indivíduo, neste nível de condicionamento, na condição de radicalizado, crê ter sido escolhido para o ato de imolação, o que exige comprometimento total com a causa, com o grupo e com a ideologia, manifestada na confiança e na obediência incondicional ao líder.

É preciso lembrar que o pressuposto da obediência incondicional foi a alegação dos criminosos nazifascistas no Tribunal de Nuremberg em 1948, na tentativa de justificar seus crimes de genocídio, ao longo da Segunda Guerra Mundial, mas que, na verdade, tiveram determinante influência da propaganda massiva de manipulação psicológica de Joseph Goebbels, para condicionar os militares nazistas e a população alemã a seguir e aplaudir as ações do regime de Adolf Hitler.

A Hipótese da Distorção das Crenças e Preceitos Religiosos

Bohleber afirmou que “a religião, a crueldade e a matança, às vezes, estão intimamente inter-relacionadas” (2002/2008, p. 104). Em seus estudos, o autor sugere que os terroristas islâmicos estão presos a um ódio alicerçado na certeza de crenças coletivamente construídas, compartilhadas e manipuladas nos grupos, baseadas na religião.

Outros pesquisadores como Osório et al. (2013) afirmam que “a cultura e a ética compartilhadas podem criar fortes sentimentos de pertencimento e de identidade grupal, questões centrais em determinar como o mundo será percebido” (Osório et al., 2013, p. 195).

No caso em questão, tais fantasias são consideradas um refúgio temporário, no qual os recrutados externam um cardápio de insatisfações reprimidas. Dessa forma, projetam em terceiros e em outros objetos e símbolos, tudo aquilo que nunca conheceram e experimentaram mas que, paradoxalmente, odeiam com intensidade.

A crença, por sua vez, exerce um papel preponderante nos comportamentos e nas condutas. Nesse sentido, os cruzados também praticaram o terrorismo, genocídios e outras violências brutais contra muçulmanos, judeus e cristãos de diferentes correntes, por acreditarem que defendiam a vontade divina, ideia fomentada e apoiada pelos papas a época.

O desconhecido era demonizado e atribuído ao sobrenatural, crença que motivou o período da inquisição, outro ato de terror abominável, em que muitos de seus perpetuadores satisfaziam tendências psicopatológicas narcisísticas e sadomasoquistas no sofrimento do outro, da mesma forma que alguns dos terroristas da atualidade.

Paradoxalmente, essa condição de estar a serviço de uma missão divina, acima da compreensão humana constitui-se em forte fator motivacional, o qual atrai muitas pessoas, que adquirem, nesta crença, um sentido para suas vidas, um objetivo pelo qual valha a pena lutar, como afirmou Viktor Frankl, em sua obra “*Em*

Busca de Sentido” publicada originalmente em 1977/1991. Estas se constituem em experiências de alcance além de pertencimento, identidade e autoestima elevada.

Ademais, sabe-se que a manipulação psicológica, sob o ponto de vista da teoria cognitiva comportamental (TCC), é centrada na construção de uma visão distorcida a respeito de ameaças, vulnerabilidades e riscos, a qual resulta em pensamentos disfuncionais que geram, segundo Knapp e Beck (2008), uma série de distorções cognitivas.

Neste caso, em especial, evidencia-se a abstração seletiva, na qual apenas a parte negativa de uma situação é realçada e foco de atenção; a rotulação, ou seja, uma percepção negativa em relação ao outro; a polarização, caracterizada por uma visão absoluta em relação ao mal atribuído a outrem e finalmente a catastrofização, centrada na ideia de que a ocidentalização significa a morte de sua cultura e tradições ancestrais seculares.

Ainda, segundo os autores referenciados:

Se outros indivíduos apresentam crenças relacionadas com perigo, a ansiedade prevalece e predispõe ao estreitamento da atenção a percepção de ameaça, a realizar interpretações catastróficas de estímulos ambíguos ou mesmo neutros e se envolver em comportamentos de segurança disfuncionais. Eles serão impelidos a buscar escapismos ou evitar o risco mal percebido de rejeição, vergonha ou morte (Knapp & Beck, 2008, p. 58).

Com efeito, no terrorismo, invariavelmente, são elencados inimigos que supostamente ameaçam a cultura e as tradições de determinado grupo social, uma ameaça de ocidentalização, em que a crença é de que aqueles que não se submeterem a esta dominação hegemônica serão rejeitados, e sofrerão abusos como tortura, tratamentos degradantes e mortos.

Sob outro ponto de vista, os indivíduos tendem a se sentir acolhidos em um grupo que promete transformá-los em pessoas melhores e bem-aventuradas às vistas de Deus e de sua comunidade. A autoestima torna-se elevada por

defenderem uma causa divina. Portanto, justa. E, a partir dessas premissas, passam a internalizar uma identidade grupal. Não há, porém, anormalidade nessas sensações. Na maioria dos casos, é saudável e terapêutica, exceto quando relacionada a grupos terroristas.

A questão aqui levantada é o fato de que as crenças podem sofrer influências, serem distorcidas e manipuladas para interesses e objetivos que, propriamente, contradizem seus preceitos fundamentais. Uma destas distorções repousa, segundo De Paola,

pela atribuição a si, consciente ou inconsciente, a totalidade dos valores éticos na qual suas ações são embasadas. Pode ser a ética de construir um mundo novo, de eliminar desigualdades, ou de reconquistar territórios que lhe pertencem ou qualquer outra coisa (De Paola, 2009, p. 49).

A expressão *Allahu Akbar* é um bom exemplo, utilizada segundos antes do cometimento de atentados suicidas. Entretanto, é empregada pelos muçulmanos para homenagear Deus, em um sentido completamente oposto ao da violência. Todavia, é percebida como reforço cognitivo, antes dos atentados suicidas, que o próprio Islã desaprova, um ato concebido não como suicídio propriamente dito, mas como martírio.

Nesta mesma linha, Subramanyam (2018), em sua pesquisa sobre os atentados terroristas, ocorridos no ano de 2008, em Mumbai, na Índia, adverte que a característica predominante dos sujeitos daquele estudo “é a educação religiosa incorreta ou incompleta, durante os anos de formação, fator que resulta na falta de uma compreensão completa da sua própria fé tornando-os vulneráveis ao apelo distorcido da Organização Terrorista” (Subramanyam, 2008, p. 131).

Para o referido autor, “a religião serve como um instrumento nas mãos dos terroristas muçulmanos para justificar suas ações e fornecer explicações morais para a desumanidade” (Subramanyam, 2018). Trata-se de uma maneira de refúgio contra a opressão e a falta de perspectivas econômicas e sociais.

Essa compreensão fantasiosa e imaginária dos assuntos divinos é potencializadora para recrutar pessoas ao terrorismo. Funciona, então, como mecanismo de defesa contra os próprios conflitos internos, recalçados no inconsciente, como cidadãos comuns, em busca de um novo foco para dar sentido a suas vidas, enquanto questionam as antigas tradições que parecem não ter resolvido seus conflitos internos e externos.

Nesse sentido, as pesquisas de Speckhard e Ellenberg (2020), realizadas por meio de entrevistas em uma amostra de desertores do ISIS, apontou que a motivação religiosa foi a principal causa, para que pessoas comuns aderissem aos grupos terroristas (20%), seguida por sentimento de pertencimento (7%), por razões econômicas (6%), convencimento por meio da propaganda (4%) e, apenas, 2% por aventura.

Outra das conclusões desta pesquisa apontou que:

os fatores motivacionais para o terrorismo decorrentes da religião ou de ideologias de base política são mais difíceis de combater do que motivos decorrentes de fatores relacionados com a pobreza ou comunidade porque é difícil mudar mentalidades e crenças que foram gravadas nestas comunidades durante anos por figuras perseverantes e líderes religiosos da comunidade. (Speckhard & Ellenberg, 2020, pp. 90-106)

O fato das conclusões acima, relacionadas à motivação religiosa ser predominante e da dificuldade de serem modificadas ou ressignificadas são compartilhadas por diferentes pesquisadores como Anneli Botha (2014) e Subramanyam (2018). Botha, membro do Instituto de Estudos de Segurança (ISS) concluiu que “87% dos entrevistados apontaram a religião como a razão pela qual aderiram ao grupo jihadista *Al Shabab*, da Somália” (Botha, 2014, p. 54).

A Hipótese Socioambiental

Se considerarmos que o número maior de ações terroristas, cerca de 75% dos atentados registrados concentram-se em países como Iraque,

Afganistão, Índia, Paquistão, Filipinas, Somália, Turquia, Mali, Myanmar, Nigéria, Iêmen e Síria, em sua grande parcela, em estado de guerra civil continuada, segundo dados divulgados pelo IEP (2023, p. 08), a hipótese socioambiental adquire maior sentido, ainda que não determinante.

Em grande parte desses países, é possível constatar dois fatores condicionantes que reforçam esta hipótese. O primeiro, é de que grupos terroristas, especialmente, em países da África Subsaariana, florescem em zonas, onde os governos não possuem condições legais e econômicas de assegurar a sua população um estado básico de segurança e bem-estar social, no qual prevalecem a fome e a violência. Um segundo fator repousa no fato de que, de maneira geral, tais países estão sob ditaduras instituídas e em meio a guerras civis prolongadas.

Nessa conjuntura, o meio ambiente social produz um cardápio de motivações, as quais despertam o caráter natural e primitivo de violência que prevalece sobre o Self, inicialmente, como meio de sobrevivência pessoal e proteção, obtida nessas condições, exclusivamente, quando o indivíduo passa a integrar determinado grupo.

Allison G. Smith, não escreve diretamente acerca da motivação, mas se debruça sobre alguns fatores de risco como indicadores de maior propensão, para que um indivíduo possa juntar-se a uma organização terrorista com ênfase nas condições sociais: Ter um histórico de violência criminal, um amigo terrorista, um profundo compromisso com uma ideologia extremista, estar desempregado e socialmente isolado, ter problemas psicológicos, um status socioeconômico mais baixo, estar distante da família, ser solteiro, morar sozinho e ser homem (Smith, 2018).

As condições acima descritas, são potencialmente fatores de vulnerabilidade e, de maneira geral, falam de pertencimento e identidade, fato que não exclui a opressão e o caráter libertador de um jugo totalitário de seus governos.

Speckhard e Ellenberg (2020), por seu turno, elaboraram uma lista de motivações que

dividiram em religiosas, financeiras, sociais e outras:

Por razões financeiras, o indivíduo é atraído pela possibilidade de pagamento ou alguma outra vantagem pecuniária; por razões sociais, o indivíduo ingressa porque o grupo oferecia um senso de comunidade e família. No quesito outros, figuram o convencimento por meio de propagandas e a percepção de aventura que aparentemente pode ser divertida e emocionante. (Speckhard & Ellenberg, 2020, p. 93)

Na realidade, todos os argumentos são considerados válidos quando analisados em conjunto. As diferenças em relação a procurar ou não o terrorismo repousa em como cada indivíduo encara o mundo a sua volta, assim como suas perspectivas de ascensão social e econômica na comunidade, somada ao tempo e a intensidade da manipulação psicológica a que foi submetido.

A Motivação para os Atentados Suicidas

Há diversas teorias especulativas acerca do suicídio em combate, perpetuadas pelos denominados “homens bomba”, atitude manifestamente contrária ao instinto natural de conservação e preservação da espécie, mas que encontra base na doutrina psicanalítica, acerca da angústia de aniquilamento ou pulsão de morte.

Como o terrorismo é considerado um conflito assimétrico, Asad (2007) questiona qual a real diferença entre matar com o objetivo de morrer ou alguém que morre com o objetivo de matar?. O autor sugere que a explicação pode recair na ideologia coletiva dos grupos e adverte que, quando a autoimolação expressa-se de um modo ritualístico, adquire um caráter de sacrifício, fato que não ocorre com o ato do suicídio tradicional.

Por obviedade, não existem registros de um exame mental em terroristas, antes de realizarem seus atos finais, exceto alguns vídeos com testemunhos à família, surgidos nas décadas de 80 e

90. Elster, ao testemunhar em 2003, no Congresso estadunidense, sobre o estado emocional dos terroristas suicidas do 11 de setembro, baseado em análises comportamentais observadas em vídeos, afirmou que “alguns estavam alegres, não havia estado similar ao transe, provavelmente, em decorrência de um sistema emocional estável” (Elster, 2005, p. 240), o que significa dizer que encaravam o fato como um comportamento natural, não apenas aceitável como também desejado, embora não acredite que conclusões dessa natureza possam ser definitivas.

Étienne, na esteira dos estudos de Sigmund Freud, acerca da pulsão de morte, no ano de 1915, assevera que “o desejo de morte resulta de um excesso de energias liberadas pela frustração e fracasso das capacidades de formar representações, resultando em uma ruptura do Self” (Etienne, 2005, p. 17).

Tal argumento é ratificado por Pierre Bourdeaux, cuja ideia básica era de que o indivíduo, nessas condições esvazia-se dos próprios desejos e, a partir de então, a vida perde o significado.

Contudo, estas são explicações parciais. Em discussões mais amplas, um ponto a ser considerado, ao descartar a existência de outras psicopatologias, recai no tratamento de base psicanalítica, baseado em motivações inconscientes.

Por sua duração e dificuldades na formação de um vínculo terapêutico e associação livre face às resistências, o tratamento destes pacientes é um desafio. A outras questões presentes como a desconfiança em relação às intenções de um terapeuta ocidental, caso dos extremistas islâmicos. Essa percepção decorre da consciência de que todo o material colhido clinicamente, pela importância de erradicar tais grupos e impedir que outros atentados aconteçam, será repassado às agências de inteligência como informação relevante, embora de natureza confidencial, fator que redundará em traição e na morte de amigos e colegas dos grupos a que pertencem.

O sistema de crenças, nesse momento, reaparece de maneira decisiva. O que o ocidente

entende por suicídio, considerado, inclusive, pecado nas religiões de cunho cristão, os terroristas extremistas interpretam como martírio, que se converte em uma ação sagrada e altruísta, segundo aponta Durkheim. Portanto, um ato heroico. Nas palavras de Khaled Hroub, “quanto mais devoto é um indivíduo, mais propenso ele ou ela estará ao auto sacrifício no campo de batalha” (Hroub, 2008, pp. 55-56).

O mesmo argumento pode ser aplicado à ação suicida dos pilotos japoneses Kamikazes, nos anos finais da Segunda Guerra Mundial. Os pilotos “jogavam” os aviões em navios aliados, em nome do imperador, considerado, nessa época, uma figura sagrada, ao passo que os “homens bomba” atuais, entregam as vidas a Alá, na fantasia da certeza da glória suprema e da continuação da vida no plano espiritual.

Em ambos os casos, o ato de tirar a própria vida é revestido de sacrifício extremo e devoção. O desejo de martírio sobrevém de uma realidade paralela, esculpida na promessa da continuação da vida no paraíso, onde a face de Deus será conhecida e estarão cercados por todos os tipos de prazeres que lhes foram negados, por terceiros, na vida terrena. Nesse caso, em especial, a sociedade ocidental ou qualquer outro inimigo apontado pelas lideranças religiosas como responsáveis pela situação em que se encontram: de pobreza e miséria. Evidencia-se, nessas fantasias, a presença do mecanismo de negação contra o fato biológico da morte, elevada a uma espécie de triunfo e superação.

Asad apresenta uma pista que contribui para compreensão deste fenômeno, ao asseverar que “não devemos nos atentar apenas na vontade de morrer ou de matar, mas como entendemos, cada qual, a morte, tanto a própria como a dos outros” (Asad, 2007, p. 111).

Assim, é possível deduzir que a motivação para a prática de atentados terroristas suicidas, não está exclusivamente relacionada à manipulação ideológica ou ao condicionamento psicológico, mas a um conjunto de valores como cultura, crenças e experiências pessoais, que variam de acordo com áreas geográficas e entre países.

Possibilidades de Intervenção e Tratamento

Ao se falar em possibilidades de tratamento, adentra-se em um tema ainda mais complexo e terreno desconhecido. Como já mencionado, na fase inicial dessa pesquisa, existem poucos estudos disponíveis que possibilitem afirmações mais robustas, acerca de avaliações psicológicas e tratamentos destinados a integrantes ou ex-integrantes de grupos terroristas.

Brenner (2010), cujos estudos se debruçaram sobre os terroristas presos da Baía de Guantánamo, em Cuba, assim manifesta:

Um sofrimento significativo leva a altas taxas de transtornos psiquiátricos, problemas médicos e deficiências funcionais, resultado da sobreposição de fatores de stress graves e crônicos relacionados com a detenção . . . e que isto se agrave ao longo do tempo, particularmente na ausência de avaliação e tratamento adequado. (Brenner, 2010, p. 58)

Se considerarmos tratar-se, em grande medida, de uma questão comportamental de determinado grupo, uma hipótese eficaz é o tratamento com base nas Terapias Cognitivas Comportamentais (TCC), cujo princípio fundamental, segundo os estudos de Knapp e Beck, recai na “maneira como os indivíduos percebem e processam a realidade o que influenciará na maneira como eles se sentem e se comportam” (Knapp & Beck, 2008, p. 57).

Salman Akhtar, que direciona os estudos sobre desumanização, origens, manifestações e soluções para o fenômeno terrorista segue esta linha quando apresenta três objetivos dessa intervenção baseados em “aumentar a capacidade de pensar do povo oprimido, diminuir sua raiva e criar e aumentar sua empatia em relação a seus opressores” (Akhtar, [1999] 2008, p. 135).

Caso se aposte em uma reestruturação cognitiva, com a substituição de crenças nucleares e correção de pensamentos disfuncionais, será possível que haja mudanças comportamentais significativas, com novos insights, acerca da vida e novas soluções para o enfrentamento das

dificuldades cotidianas, a fim de possibilitar a minimização de transtornos emocionais.

Considerações Finais

Diante do exposto, e sem a pretensão de esgotar um tema de alta complexidade, constata-se que todas as pesquisas realizadas, até o momento, por diferentes institutos acadêmicos, ao redor do planeta, resultaram apenas em modestos insights. Portanto, ainda não foi possível detectar um perfil definitivo, sob o ponto de vista psicológico em suas vertentes socioambientais, manipulação psicológica ou religiosa, que expliquem, de forma clara, as motivações para uma pessoa aliar-se à causa terrorista.

Tal indefinição deve-se, especialmente à heterogeneidade dos fatores psicológicos que varia entre terroristas individuais, entre grupos e entre tipos de grupos, o que torna pouco provável, nesse momento, não só a busca por um perfil comum, mas também a possibilidade de sugerir um diagnóstico que implique algum tipo de psicopatologia.

Provavelmente as respostas para essa motivação recaiam em uma parcela de todos os achados das pesquisas aqui reproduzidas, ou seja, a análise do conjunto integrado de condições socioambientais, culturais e sistema de crenças. É possível pensar, ainda, que algumas das pessoas cooptadas já possuíssem uma pré-disposição para a violência ou algum tipo de psicopatologia, agravada, ao longo do tempo pela constante manipulação e pressão psicológica.

Outras, no entanto, envolvem-se em ações dessa natureza por crença, ideologia ou ganhos pessoais ou simplesmente, por aventura. Assim, tais atitudes não atendem aos critérios psiquiátricos de insanidade. E há aqueles que seguem os instintos primitivos do ID, nos quais a violência extrema é natural da personalidade, que se mostra incapaz de buscar soluções não agressivas para suas questões e, dessa forma, transfere a culpa pelo status quo, em que se encontram, individual ou coletivamente, para o

outro ou para objetos e símbolos ligados a este outro.

Os pesquisadores, adeptos da vertente que defende a hipótese de normalidade, optam pela teoria da escolha racional a qual defende a tese de uma decisão consciente e calculada, uma estratégia individual para atingir objetivos sócio-políticos e que não excluem, necessariamente, a injustiça, a identidade e o pertencimento.

Vale destacar, que, ao longo desta pesquisa, não foram encontrados registros da existência de uma teoria que aponte uma única motivação para que pessoas aliem-se a causa terrorista. Portanto, é válido afirmar, com base em todos os constructos aqui analisados, que a motivação tende a recair em uma combinação de fatores inatos, biológicos, das fases de desenvolvimento infantil, os quais envolvem também, com a mesma intensidade, cognição, temperamento e influências sócioambientais.

Logo, cabe ressaltar que o tema é amplo e aberto a um olhar particularizado da psicologia, no que tange ao sentido da produção de novos achados e ampliação dos constructos, acerca do fenômeno terrorista, de maneira geral, elemento que possibilitaria um manejo de caráter preventivo com foco na redução dos estímulos.

Referências

- Aitken, R. (2001, June 11). Americas: Inside McVeigh's mind. *BBC News*. <http://news.bbc.co.uk/2/hi/americas/1382540.stm>
- Akhtar, S. (2008). Desumanização: Origens, manifestações e soluções (T. M. Zalcberg, Trad.). In S. Varvin & V. D. Volkan (Orgs.), *Violência ou diálogo? Reflexões psicanalíticas sobre terror e terrorismo* (pp. 123-137). Perspectiva. (Trabalho original publicado em 1999)
- Arendt, H. (1999). *Eichmann em Jerusalém*. Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1963)
- Asad, T. (2007). *On suicide bombing*. Columbia University Press.
- Awad, G. A. (2008). As mentes e as percepções dos outros (T. M. Zalcberg, Trad.). In S. Varvin & V. D. Volkan (Orgs.), *Violência ou diálogo? Reflexões psicanalíticas sobre terror e terrorismo* (pp. 147-170). Perspectiva.
- Bohleber, W. (2008). Fantasmas coletivos, destrutividade e terrorismo (T. M. Zalcberg, Trad.). In S. Varvin & V. D. Volkan (Orgs.), *Violência ou diálogo? Reflexões psicanalíticas sobre terror e terrorismo* (pp. 103-122). Perspectiva. (Trabalho original publicado em 2002)
- Botha, A. (2014). *Root causes of violent extremism and terrorism* [Doctoral dissertation]. University of Free State.
- Brenner, G. H. (2010). The expected psychiatric impact of detention in Guantanamo Bay, Cuba, and related considerations. *Journal of Trauma and Dissociation: The Official Journal of the International Society for the Study of Dissociation (ISSD)*, 11(4), 469-487. <https://doi.org/10.1080/15299732.2010.496074>
- Cavell, S. (2003). *Reivindicaciones de la razón*. Síntesis.
- Crenshaw, M. (2010). *Explaining terrorism: Causes, process and consequences*. Routledge.
- De Paola, H. (2009). Israel e a guerra assimétrica. *A Defesa Nacional: Revista de Assuntos Militares e Estudo de Problemas Brasileiros*, 95(814), 49-50.
- Delumeau, J. (1989). *História do medo no ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada* (M. L. Machado, Trad. & H. Jahn, Notas). Companhia das Letras.
- Eizirik, C., Bassols, A. M. S., Gastaud, M. B., & Goi, J. (2013). Noções básicas sobre o funcionamento psíquico. In C. Eizirik, F. Kapczinski, & A. M. S. Bassols (Orgs.), *O ciclo da vida humana: Uma perspectiva psicodinâmica* (2. ed., pp. 15-30). Artmed.
- Elster, J. (2005). Motivations and beliefs in suicide missions. In D. Gambetta (Coord.), *7 Motivations and beliefs in suicide missions* (pp. 233-258). Oxford University Press.
- Erlich, H. S. (2008). Reflexões sobre a mente terrorista (T. M. Zalcberg, Trad.). In S. Varvin & V. D. Volkan (Orgs.), *Violência ou diálogo? Reflexões psicanalíticas sobre terror e terrorismo* (pp. 139-146). Perspectiva.
- Etienne, B. (2005). *Les combattants suicidaires*. Editions de l'Aube.

- Frankl, V. (1991). *Em busca de sentido* (C. C. Aveline & W. O. Schlupp, Trans.; 60. ed.). Sinodal;Vozes. (Trabalho original publicado em 1977)
- Golomb, A. (2008). Terror na infância (T. M. Zalberg, Trad.). In S. Varvin & V. D. Volkan (Orgs.), *Violência ou diálogo? Reflexões psicanalíticas sobre terror e terrorismo* (pp. 187-198). Perspectiva.
- Hagan, E. (2008, April 8). Terrorism, resentment and the Unabomber: Forensic psychologist. Dr. Stephen Diamond revisits the infamous Unabomber case. *Today Psychology*. <https://www.psychologytoday.com/intl/blog/evil-deeds/200804/terrorism-resentment-and-the-unabomber>
- Hoffman, B. (1976). *Inside terrorism*. Columbia University Press.
- Hroub, K. (2008). *Hamas: Um guia para iniciantes* (L. Palhares, Trad.). DIFEL.
- Institute for Economics & Peace. (2023). *Global Terrorism Index 2023*. <https://www.economicsandpeace.org/wp-content/uploads/2023/03/GTI-2023-web-170423.pdf>
- Knapp, P., & Beck, A. (2008). Fundamentos, modelos conceituais, aplicações e pesquisa da teoria cognitiva. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, (Supl. II), 54–64.
- Laqueur, W. (2003). *Uma história del terrorismo*. Paidós.
- Morghentau, H. (1993). *Politics among Nations. The struggle for power and peace*. Mc Graw Hill.
- Neumann, P. (2020). *Bluster: Donald Trump's War on Terror*. Hurst; Oxford University Press. <https://www.kcl.ac.uk/people/professor-peter-neumann>
- Organização das Nações Unidas. (1996). *Ad Hoc Committee established by General Assembly resolution 51/210 of 17 December 1996*. <https://legal.un.org/committees/terrorism/>
- Osório, C. M., Piltcher, R., & Martini, T. (2013). Adultos jovens e seus scripts: Novas gerações e novos cenários. In C. Eizirik, F. Kapczinski, & A. M. S. Bassols (Orgs.), *O ciclo da vida humana: Uma perspectiva psicodinâmica* (2. ed., pp. 193-206). Artmed.
- Polanczyk, G. V., & Rohde, L. A. (2013). *Psiquiatria do desenvolvimento*. In C. Eizirik, F. Kapczinski, & A. M. S. Bassols (Orgs.), *O ciclo da vida humana: Uma perspectiva psicodinâmica* (2. ed.). Artmed.
- Pryer, D. (2013, julho–agosto). A ascensão das máquinas: Porque armas cada vez mais perfeitas ajudam a perpetuar nossas guerras e colocam a nação em perigo. *Revista Military Review*. https://www.armyupress.army.mil/Portals/7/military-review/Archives/Portuguese/MilitaryReview_20130831_art004POR.pdf
- Reinares, F. (1998). *Terrorismo y antiterrorismo*. Paidós.
- Roland, P. (2014). *Por dentro das mentes assassinas: A história dos perfis de criminosos* (A. F. Cabral, Trad.). Madras.
- Rousselet, M., Duretete, O., Hardouin J. B., & Grall-Bronnec, M. (2017). Cult membership; What factors contribute to joining or leaving? *Psychiatry Research*, 257, 27–33. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2017.07.018>
- Seliktar, O. (2009). *Doomed to Failure? The Politics and Intelligence of the East Peace Process*. ABC Clío.
- Smith, A. G. (2018, June 1). *Risk factors and indicators associated with radicalization to terrorism in the United States: What research sponsored by the National Institute of Justice Tells Us*. National Institute of Justice.
- Speckhard, A., & Ellenberg, M. (2020). Isis in their own words: Recruitment history, motivations for joining, travel, experiences in ISIS, and disillusionment over time – Analysis of 220 in-Depth Interviews of Isis Returnees, Defectors and Prisoners. *Journal of Strategic Security*, 13(1), 82–127. <https://doi.org/10.5038/1944-0472.13.1.1791>
- Subramanyam, M. (2018). Motivation leading to radicalization in terrorists. *Forensic Research & Criminology International Journal*, 6(4), 301–307. 10.15406/frcij.2018.06.00221
- Vaisman-Tzachor, R. (2007). Profiling terrorists. *Journal of Police Crisis Negotiations*, 7, 27–61. <https://www.ojp.gov/ncjrs/virtual-library/abstracts/profiling-terrorists-0>
- Varvin, S. (2008). Terrorismo e vitimização: Dinâmicas individual e de grandes grupos

- (T. M. Zalcberg, Trad.). In S. Varvin & V. D. Volkan (Orgs.), *Violência ou diálogo? Reflexões psicanalíticas sobre terror e terrorismo* (pp. 199-208). Perspectiva.
- Victoroff, J. (2005, February). The mind of the terrorist: A review and critique of psychological approaches. *Journal of Conflict Resolution*, 49(1).
- Whittaker, D. J. (2005). *Terrorismo: Um retrato* (J. de O. Brízida, Trad.). Biblioteca do Exército.
- Williams, H. J., Nathan, C., & Eric, R. (2018). *Trends in the Draw of Americans to Foreign Terrorist Organizations from 9/11 to Today*. RAND Corporation.

Recebido: 04/06/2024
1ª revisão: 19/11/2024
Aceite final: 24/11/2024



O(s) autor(es), 2025. Acesso aberto. Este artigo está distribuído nos termos da Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0 (<http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), que permite o uso, distribuição e reprodução sem restrições em qualquer meio, desde que você dê crédito apropriado ao(s) autor(es) original(ais) e à fonte, fornecer um link para a licença Creative Commons e indicar se as alterações foram feitas.